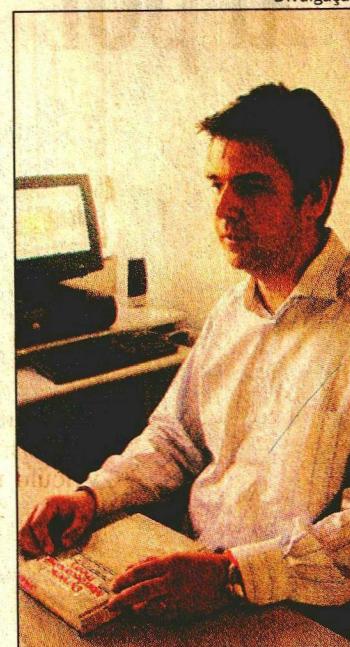


# Oito décadas separam Brasil e Estados Unidos

Economista compara PIBs 'per capita' e defende investimento em educação, saúde e infra-estrutura para encurtar distância

Editoria de Arte

Gustavo Villela



A distância entre o nível de desenvolvimento das economias do Brasil e dos Estados Unidos chega a oito décadas. São necessários hoje 84 anos para o país alcançar o patamar de desenvolvimento dos americanos — medido pelo Produto Interno Bruto (PIB) per capita, total das riquezas produzidas pelo país em um ano dividido pela população. A conclusão é de estudo do economista Marcelo Moura, doutor em economia pela Universidade de Chicago, que comparou os PIBs per capita brasileiro e dos EUA desde 1950, ainda no governo Getúlio Vargas, até 2003, primeiro ano da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O cálculo já considera uma expansão econômica acelerada no caso brasileiro, semelhante ao espetáculo do crescimento prometido por Lula, e a manutenção do ritmo de avanço da economia americana alcançado nos últimos anos. Em números: para o Brasil chegar lá, teria que crescer a uma velocidade de 5% ao ano — levando o PIB per capita nacional a um salto de 4% ao longo dos próximos 84 anos, até 2088. E mais: nesse período, os Estados Unidos manteriam uma taxa de crescimento de 2,6% anuais, o que representaria uma alta na renda per capita de 2,1%.

## Carga tributária é 'um monstro' no Brasil

Para o Brasil caminhar a passos mais largos, e superar os mais de 20 anos de freio na economia — a "década perdida nos anos 80 e a estagnação econômica dos anos 90", diz Marcelo Moura — o economista tem uma receita. Para ele, o Brasil precisa liberar as empresas para invest-

*'Gasta-se mal em educação no Brasil, onde o mais pobre não tem mais por causa do ensino superior'*

MARCELO MOURA  
Doutor em Economia em Chicago

tirem mais, reduzindo a carga tributária no país:

— Elas hoje estão sufocadas, pagam de 40% a 50% de imposto, criou-se um monstro — afirma Moura.

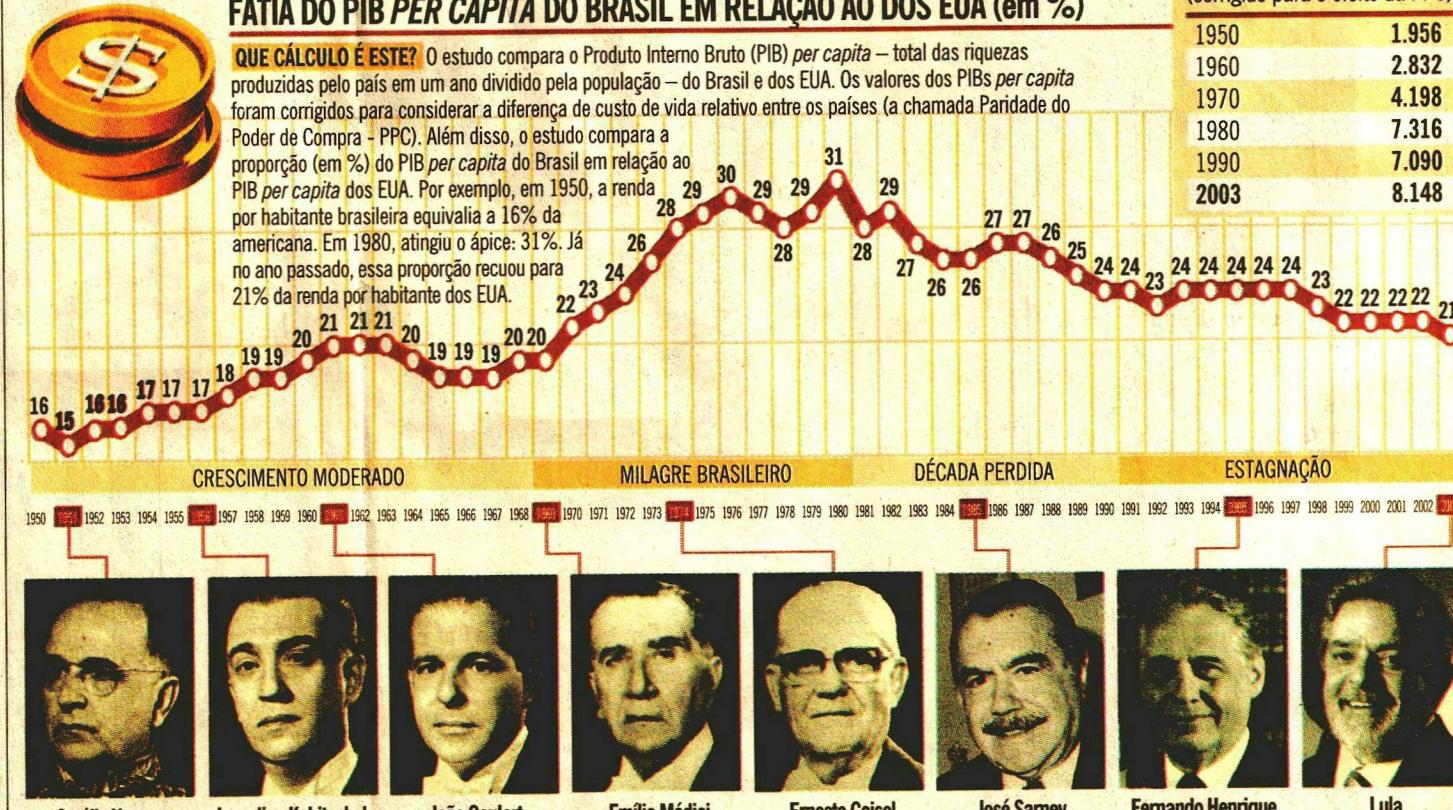
Além disso, afirma o economista, o país deve liberar o próprio governo para fazer o seu papel, de investir maciçamente em educação, saúde e infra-estrutura, sem esquecer de segurança. Em infra-estrutura, Moura cita como essenciais os investimentos em energia elétrica, transportes e saneamento básico.

— Isso dará frutos no futuro e ajudará a reduzir as desigualdades sociais no país. Ti-

Divulgação

## A比较 entre os países

### FATIA DO PIB PER CAPITA DO BRASIL EM RELAÇÃO AO DOS EUA (em %)



FONTE: Professor Marcelo Moura/Ibmec, Penn World Tables, Ipea Data, U.S. Department of Commerce, Census Bureau, U.S. Department of Commerce: Bureau of Economic Analysis

\*Dados para 2003 baseados em estimativas

vemos um modelo de crescimento, dos anos 50 aos 80, baseado na intervenção do Estado, no governo como o grande investidor. E hoje esse modelo está exaurido. É um erro continuar nesse modelo. Agora, o setor privado é que deve ser a locomotiva do crescimento — diz Moura, que além do doutorado em Chicago (berço da escola monetarista, que tem no economista e Nobel de Economia Milton Friedman o seu maior expoente) é diretor do Ibmec Educacional.

De acordo com Moura, se o Brasil chegasse à metade do nível de desenvolvimento americano (medido em PIB per capita) já seria razoável. Mas ainda assim, calcula o economista, seriam necessárias quase quatro décadas: 38 anos.

— Esse seria um nível comparável a alguns países europeus, como Portugal; e à Coréia do Sul. Mas o Brasil precisa de quatro décadas para chegar lá e, para isso, deve investir pesadamente em educação e superar o gargalo da infra-estrutura.

O diretor do Ibmec ressalta que hoje não basta a equipe econômica de Lula usar a política monetária, reduzir os juros, para alcançar um nível de desenvolvimento sustentável.

— É preciso ter uma es-

tratégia de longo prazo, redefinindo o papel e o tamanho do Estado na economia brasileira e a aplicação com mais eficiência dos recursos públicos — afirma.

O economista defende um "ajuste sério nos gastos do governo federal". Diz que não adianta o governo ficar "apenas aumentando arrecadação".

— O Estado gasta mal no Brasil. Em aposentadoria, por exemplo, tem um gasto de 11% do PIB, enquanto nos países ricos a despesa é de 3,5% do PIB. A reforma da Previdência estancou a sangria, mas não corrigiu o problema. Gasta-se mal também em educação,

área em que os mais pobres não têm mais recursos porque o ensino superior recebe verbas elevadas. O que mais favorece a distribuição de renda é investir em educação.

O economista conclui:

— Enquanto não resolvemos esses problemas, vamos ficar oscilando entre um crescimento da economia brasileira de 0% a 3%, sem mudar a baixa evolução do PIB per capita do Brasil. ■

### NO GLOBO ONLINE:

O que você achou da decisão do BC de manter a taxa básica de juros? Opine [www.oglobo.com.br/economia](http://www.oglobo.com.br/economia)